

Portuguese

Concernindo: Paulo Freire: Um Encontro Crítico

Perguntas da Entrevista para Paulo Freire

por Donaldo Macedo e Peter McLaren

Esta entrevista esta marcada para ser publicada em Nova York e em Londres por Routledge, Peter McLaren e Peter Reonard (editores). Os colaboradores sao: Ira Shor, Henry Giroux, Tomaz da Silva, Donaldo Macedo, Alicia de Alba, Stanley Aronowitz, Marilyn Frankenstein, Peggy Rivage-Seul e outros.

Pergunta:

O professor Lankshear da Nova Zelandia usa o seu metodo de lidar com alfabetizacão para criticar o modelo de afabetizacão funcional desenvolvido por uma equipe da Universidade do Texas, chamada Adult Performance Level (nível de performance de adultos). Ao colocar a sua crítica, ele exhibe uma simetria entre o seu conceito de que seres humanos tem uma vocacão ontológica e o argumento de Aristóteles que diz que a virtude fundamental para os seres humanos se consiste em executarem satisfatoriamente a sua função humana. Para Aristóteles, esta ímpar função humana se resume no melhor e no mais nobre exercício da razão. Ele vê a forma do argumento de Aristóteles, e não o conteúdo, como sendo similar ao seu conceito de que seres humanos tem uma vocacão

ontológica; e que para voce esta é a base para uma ética prática, que é o nosso exercício de praxe de transformar realidade de acordo com nossa reflexão sobre essa realidade. Qual é a sua reação?

Pergunta:

Marilyn Frankenstein e Arthur Powel descrevem a etnomatemática como uma maneira de corrigir a parcialidade etnocêntrica histórica e antropológica que assola as concepções ocidentais do conhecimento matemático. O trabalho deles foi idealizado para se usar as ideias de povos não alfabetizados e não ocidentais para combater noções racistas relativas as manifestações dessas mesmas ideias. A história da matemática ocidental, convencional, tem ofuscado a noção matemática das pessoas. Matemática é como uma língua e deve respeitar o fundo cultural e linguístico dos estudantes.

Marilyn e Arthur comentam sobre um estudo do conhecimento matemático de crianças brasileiras, que trabalhavam no mercado de seus pais, que diz que a performance matemática, quando inserida em contextos na vida real, era superior aquela na escola em problemas escritos. Algum comentário sobre isto?

Pergunta:

Peter Leonard notou o efeito que seu trabalho tem na construção emancipadora de uma prática de trabalho social na Inglaterra, particularmente em conjunto com o trabalho do

Gramsci. Ele notou que a ênfase que o seu trabalho e o de Gramsci deram ao lado voluntarista do marxismo, como distinto do lado mais fatalista e determinista do marxismo, realmente ajudou encorajar a luta por uma política socialista populista. O seu trabalho em particular teve um profundo impacto no desenvolvimento de novos tipos de relacionamento de trabalho social, que não reproduz a classe, sexo e hierarquia étnica da classe dominante da ordem social. Nas suas reminiscências da escola Warwick School, Leonard mantém aquele criticismo feminista do "marxismo masculino" — sua objetificação, economismo, trabalhismo, e ênfase na organização de partidos monolíticos como os veículos para uma mudança revolucionária — que soava como seu trabalho. Você sente que um dos problemas com o marxismo, particularmente com suas variações europeias, tem sido seu fatalístico e determinístico lado "masculino"?

Pergunta:

Peter Findlay usa o seu trabalho para discutir o papel dos novos movimentos sociais, particularmente o desenvolvimento dos mesmos no contexto do Canadá. Ele evoca dois dilemas: no lado subjetivo há pressões contra a confrontação do poder do Estado. Existe o perigo da "consciência crítica" degenerando em "técnicas de crescimento pessoal" roubados do seu intento transformativo. Pelo lado objetivo, há o problema de encontrar eleitorado e agências, e mudanças sociais de grande escala. Enquanto os modos de dominação na

America Latina sao mais ofensivos e rigorosos que aqueles existentes no Canada, o projeto permanece o mesmo. Como voce ve o seu trabalho sendo aplicado em lutas por liberdade na America do Norte, especialmente porque isso poderia sustentar o crescimento de novos movimentos sociais?

Pergunta:

Ian Lister discute o seu trabalho em relação ao trabalho sobre alfabetização política do Bernard Crick. Mais especificamente, ele relaciona o seu trabalho ao Programa Britânico para Educação Política, que tentou introduzir a educação de alfabetização política nas escolas secundarias inglesas, especialmente quando enfatizava o desenvolvimento de habilidades políticas que podiam ajudar pessoas se tornarem participantes políticos. Este desenvolvimento pertence ao desenvolvimento de grupos baseados em topicos. Ele fala sobre pesquisas feitas em Milltown no norte da Inglaterra. Este trabalho foi feito com uma filial (subdivisao) da liga antinazista que visava oposição ao ressurgimento do facismo e apoio para a Frente Nacional e para o Movimento Britânico. O que essa pesquisa fez para Lister foi confirmar a sua (Paulo Freire) ideia de que a ação política é adquirida e desenvolvida através da pratica. Mas os grupos baseados em topicos, em si, nao foram suficientes. Lister descobriu que programas de educação política através de projetos de ação de grupo necessitam ter nao somente uma pedagogia coerente, mas também um sistema de observação e avaliação. Pois, doutro modo,

pedagogia de liberação pode ser reduzida a intensões esperancosas e atos de fé. Lister encontrou objeções ao programa dele para educação política através de projetos de ação política. Oponentes lhe disseram que informação política era muito complicada para mentes imaturas e que a educação política causaria horríveis consequências imprevistas; a maioria das pessoas escolhe a cultura do silêncio na vida política; escolas não podem ser lugares de liberação, uma vez que por definição, elas servem o estado. Mesmo Ivan Illich argumentou que escolas eram perigosas e que programas políticos baseados em escolas poderiam ser perigosos também. Lister, todavia, afirma que educação política é "a arte do possível". Extraordinariamente, no curto período de três anos, o termo "legitimidade política" recebeu apoio do Ministério da Educação. Mesmo assim Lister encontrou alguns aspectos que lhe causaram sérias preocupações. Por exemplo: ele sentiu que um programa de alfabetização / politização que é baseado em tópicos pode tornar-se um "currículo de patologia social", que contém muita lamentação e pouca celebração. De fato, um programa desse cunho poderia correr o risco de confirmar os medos e a sensação de impotência. Lister apresenta uma preocupação diretamente para com o seu trabalho, Paulo, assim como para com educadores políticos na Inglaterra. No enfatizar a importância do processo, particularmente a aplicação de habilidades para tópicos, eles subavaliaram a importância de conteúdo. Incluindo conhecimento contextual de instituições e da lei. A pedagogia rica em metas e pobre em conteúdo,

pode ser altamente problematica. O tópico chave para o futuro, na Inglaterra, é o debate sobre o significado de cidadania apropriado para uma sociedade multicultural moderna num mundo interdependente. Como voce vê esse tópico do conteúdo, Paulo? E também, voce tem alguma ideia do que esse conceito de cidadania deveria ser neste mundo pós-moderno, interdependente?

Pergunta:

Peggy e Michael Seul discutem o movimento Filosofia para Crianças, na America do Norte, no seu dialogo com um círculo Freiriano de teorizadores-profissionais em Sao Paulo. O grupo Filosofia para Crianças emprega uma aproximação ao pensamento crítico e ao ensinamento analítico, que usa modelos imaginarios de uma comunidade ideal onde os personagens sao apresentados se relacionando um com outro de formas que invoquem possibilidades criativas como: cuidado, sinceridade, cooperação e sensibilidade. Ela esta particularmente interessada no projeto de educação de paz, do P4C, implementado na Guatamala. Peggy e Mike, no entanto, sugerem que muito embora o P4C tenha designado uma alta prioridade para a imaginacao moral, o pensamento crítico sem a sua conscientização no seu sentido completo, pode involuntariamente servir aos interesses de repressão política ao inves da democracia. Eles comparam o projeto de paz guatemalteco com material usado por educadores populares Freirianos em Sao Paulo, para substanciar suas tesis. Superficialmente, o grupo Filosofia

para Crianças fez alguns progressos, discussão substituiu aprendizado de rotina; alunos eram chamados pelo nome ao invés de pelo número, como é de costume em relações de professor / aluno no contexto guatemalteco. Também houve um aumento nas notas após-teste em habilidades de raciocínio e instrumentos usados para medir o comportamento democrático mostraram que esta faceta estava progredindo também. Peggy e Mike criticam a pobreza de imaginação moral que eles acreditam existir neste programa piloto. Uma pobreza que empresta pensamento crítico ao serviço de interesses antidemocráticos. O conceito de imaginação visa muito o futuro e deixa o genesis da estrutura econômica, social e política, no qual este se origina, endossado sem questionamento! A democracia é considerada como o redigir de uma constituição e o fazer eleições e o evitar golpes militares. A democracia é tratada como um problema cognitivo, como raciocinar sobre tópicos. Isso ignora a própria crítica guatemalteca do que se apresenta como democracia na América Latina em geral e na Guatemala em particular. O termo "democracia" é tratado, de certa forma, não problematizadamente. Como se o seu significado fosse autoevidente. Como se na Guatemala não houvesse luta entre o governo e a oposição armada, sobre o que democracia deveria significar! Este é uma compreensão positivista de imaginação moral e vem a se chocar contra o seu conceito de conscientização. Democracia no P4C é "mistificada". Peggy e Mike comparam o seu termo conscientização ao termo "imaginação transcendental", de

Franz Hinkelammert. Eles concluem que o programa P4C carece uma "percepção estrutural" da democracia. Uma vez que livros e textos americanos (E.U.A.) foram usados, Mike e Peggy arguem que P4C representa uma extensão do imperialismo, por explicar o mundo pela perspectiva do colonizador. Este projeto (P4C) também transmite uma ideologia de dependência e acomodação uma vez que os textos usados representam as experiências de crianças americanas (E.U.A.) bem nutridas!

Peggy e Mike afirmam que o plano piloto do P4C não usa uma experiência de codificação extensiva usando "situações de limite".

Mike e Peggy citam Adolfo Perez Esquivel, exortando que os norte americanos necessitam entender três ideias fundamentais para o pensamento crítico do terceiro mundo sobre democracia. Primeiro, é a noção de "democracia formal"; segundo, o que Esquivel intitula "democracia de verdade" e que voce chama "democratização fundamental"; terceiro é a conexão entre democratização e justiça social. Para os norte americanos (E.U.A.) a democracia se consiste no "centro soberano" da nação. A noção do terceiro mundo de Esquivel presume uma compreensão diferente de poder político. Aqui poder é investido na escola, na igreja, na família, em corporações, meios de comunicação e sindicatos de trabalhadores; onde pessoas tem uma chance de exercer controle sobre as suas próprias vidas. O poder não está com políticos burgueses profissionais, mas com organizações de massa com representação direta. Os cidadãos ordinários assumem o

centro do palco e aos menos privilegiados economicamente e dado prioridade.

Considerando o apoio psicológico ao estilo norte americano de democracia no colapso da Europa Oriental, que perigos voce ve na importação desta versao de democracia pelo terceiro mundo, especificamente por países como a Guatemala?

Pergunta:

Kathleen Weiler apresenta o importante conceito de pedagogia feminista. De maneira similar a pedagogia freiriana, a pedagogia feminista é baseada em suposições do poder, da conscientização, da existência de opressão e da possibilidade de terminá-la, e o desejo por transformação social. Esta pedagogia tem revelado também as deficiências que emergem da tentativa de estabelecer uma pedagogia que assuma uma experiência universal e objetivos abstratos. Como na pedagogia freiriana, a pedagogia feminista é fundamentada numa visão de mudança social; e como na pedagogia freieriana, esta (pedagogia feminista) apoiase em alegações verdadeiras de primazia de experiência e consciência que nos alicerçamos em movimentos de mudança social, historicamente situados. A pedagogia feminina trouxe tres áreas de concernimento que são úteis, levando-se em conta como a pedagogia freiriana pode ser enriquecida e expandida.

Segundo Weiler, estas áreas são: a autoridade e o papel do professor; a questão epistemológica da fonte de conhecimento e verdade, e a relação de ambos em experiências pessoais e

sentimento; a terceira envolve a questão da diferença.

Weiler acredita, por exemplo, que voce omitiu as varias formas de poder possuidas por professores dependendo da raça dos mesmos; gênero e o cenário histórico e institucional no qual trabalham. Na visão freiriana essas são tão significante, quanto elas deveriam ser. Na prática real da pedagogia feminista, os temas centrais de diferença, como o papel de uma mulher e designado numa sociedade masculina, e a necessidade de reconhecer as implicações da formação de identidade para professores e estudantes é central. A origem da autoridade da professora como uma "mulher" que pode utilizar-se de conhecimentos comum a todas as mulheres e colocado em questão. Enquanto que simultaneamente, a professora feminista é "dada" autoridade em virtude do seu papel dentro da estrutura hierarquica da universidade.

Subjacente a ambas, a pedagogia feminista e a pedagogia feminista do princípio da própria universidade, está uma dependencia na experiencia e no sentimento como fundamentos e uma suposição de uma experiência comum como base para análise e ação política. Porém, mulheres negras, lésbicas, e outras disprevidiadas desafiam a asserção de uma experiência feminina unitária. A teoria pósmodernista também desafia o essencialismo do feminismo cultural. Consequentemente, agora existe uma ênfase na pedagogia feminista para se enfatizar diferença. Também há uma necessidade de se questionar a

autoridade do intelectual. Enquanto as feministas possam, de fato, aceitar suas proprias autoridades como int...

elas tentam ajudar os estudantes a reconhecerem e ganharem a sua própria força. Weiler afirma que a exploração feminista da autoridade é muito mais rica do que o conceito de autoridade que você coloca na sua formulação do professor e do estudante como sendo dois "conhecedores", ou na sua asserção de que o professor liberador deveria reconhecer autoridade mas não o autoritarismo. As feministas colocam mais diretamente as contradições entre objetivos da coletividade e hierarquias de conhecimento, e também o poder de posicionamento em tópicos. O que professores afro-americanos realizaram, afirma Weiler, foi fundamentar a pedagogia na experiência de uma maneira materialista com o fim de revelar as formas encobertas de opressão vivida por mulheres negras nos Estados Unidos.

Weiler diz que em situações onde estudantes vêm de posições (classes) diferentes de privilégio ou opressão, dividir experiências gera conflitos ao invés de criar solidariedade. Weiler afirma que você define os objetivos de liberação e transformação política e social como alegações universais, sem explorar sua própria posição privilegiada ou conflitos existentes entre os próprios grupos oprimidos. Ele afirma que o seu pensamento é baseado dentro de uma tradição de modernismo ocidental e é baseada na crença de uma verdade transcendente e universal. Todavia, teoria feminista, pensamento pós-modernista e escritos de mulheres negras desafiam essas alegações universais. Eles desafiam o uso de tais termos universais.

estas alegações num contexto histórico ou social concreto.

Coalizões precisam ser desenvolvidas a partir dos conhecimentos parciais das identidades construídas pelas próprias mulheres. Como você responde a essa crítica feminista do seu trabalho?

Pergunta:

Peter McLaren e Tomaz da Silva trabalham para informar sobre o desenvolvimento do que eles chamam de "uma política de lembrança". Eles enfatizam a importância de narrativas ou histórias no guiar a luta pela liberação. A questão da narrativa é ligada ao conceito de memória de duas formas: primeiro, e proveniente do conceito de "memória perigosa"; a qual emprega uma categoria de lembrança para descrever e criticar histórias específicas de opressão e sofrimento humano, frequentemente esquecidos ou reprimidos pela cultura dominante. Isto quer dizer dar voz ao conhecimento subjugado de pessoas oprimidas através do fornecimento de estruturas que permitam os oprimidos falarem por eles mesmos. Para professores, isso significa uma identificação mais profunda com o vitimizado. Segundo, o conceito de lembrança crítica busca uma restauração da nossa relação com o passado. Não pelo descobrimento do passado, mas para entrar em contato com o passado. Esta forma de lembrança necessita quebrar a barreira da repressão inconsciente. McLaren e da Silva usam pensamentos pós-estruturalistas para refinar mais o conceito da lembrança libertadora pós-moderna. Como as feministas de

quem Kathleen Weiler fala, McLaren e da Silva destacam a imperfeição e incerteza de todas as lembranças históricas enquanto enfatizando a heterogeneidade do contexto social, cultural, institucional, étnico e de gênero. Por exemplo, eles assinalam que uma mulher negra utiliza-se de um processo de memória que é formado por discursos e práticas sociais que se diferem daqueles pertencentes a um homem branco e assim por diante. Além disso, McLaren e da Silva enfatizam que esta atenção ao contexto histórico e a subjetividade estejam presentes no seu trabalho, talvez não expressa através de termos usados por teóricos pos-estruturalistas e feministas. O problema, eles argumentam, se resulta no conceito de experiência e constantemente privilegiada em relação a teoria. McLaren e da Silva declaram que a experiência nunca é transparente a si própria e sempre ocorre dentro de certas formas sociais e culturais que tem sido produzidas dentro de relações de poder específicas e regimes de discurso. É a missão da pedagogia crítica prover os estudantes de meios discursivos e conceituais para entenderem as dimensões ideológicas das experiências deles e relacionarem estas com as estruturas simbólicas e materiais de poder que opera no contexto mais amplo da vida social. A ênfase, portanto, é na língua e em categorias conceituais usadas para fazer nexos e interpretar tal experiência.

Outro assunto abordado por McLaren e da Silva corresponde a oposição ao seu trabalho no Brasil, como por Vanilda Paiva, Dermeval Sariani e José Carlos Libâneo. Eles criticam

a tentativa de Saviani de separar política e educação, bem como a rejeição da sua ideia de que educação sempre é um ato político. Eles também criticam o fracasso de Saviani em fazer uma análise sociológica das conexões entre conhecimento, educação e poder. No ponto de vista dele, a escola é presumivelmente protegida contra conflitos políticos por causa do engajamento desinteressado dos participantes do encontro educacional na procura pela verdade. A educação vem a estar a parte e acima da vida social. Todavia, McLaren e da Silva arguem dizendo que para limitar a política a um determinado lugar significa aceitar suposições liberais fracas sobre a natureza do poder. Isto vem contra as ideias de Gramsci, que é uma das mais importantes influências no pensamento desenvolvido por Saviani. Saviani também não tem uma teoria sobre o estado que nos ajudaria entender o ensino como ambos. Um objeto de lutas políticas e um lugar para lutas políticas. As teorias de Saviani são fundamentalmente do tipo que não dão poder e sim o oposto. As noções de contexto de Saviani de, "conhecimento sistematizado" e "socialização de conhecimento", são extremamente positivista. Elas ignoram a conflituosa, socialmente construída, natureza de conhecimento.

McLaren e da Silva vão mais longe ainda para citar alguns problemas comuns no lidar com a exploração capitalista do primeiro mundo sobre o terceiro mundo e como isso afetou e tem afetado a educação no Brasil. Qual são os seus

Pergunta:

Alicia de Alba e Edgar Gonzalez discutem o seu trabalho em relação ao pensamento pedagógico e político latino americano. Eles mencionam o trabalho de José Vasconcelos do México, José Carlos Mariategui do Peru, Júlio Antonio Melba de Cuba, Farabundo Martí de El Salvador e Augusto César Sandino da Nicarágua. Você poderia discutir sua relação intelectual com pensadores latino americanos? Eles, Alicia e Edgar, também discutem a subordinação de línguas indígenas mexicanas ao espanhol e levantam a questão: "Como pode a educação contribuir com uma visão geral da sociedade global, sem rebaixar formas indígenas concernentes a realidade e os próprios e específicos interesses deles como grupos indígenas?". Eles também levantam a questão de índios da Guatemala que estão fixados em três estados no sudeste do México. Os camponeses guatemaltecos têm adquirido o espanhol como um meio para comunicarem sua heterogeneidade linguística de origem. Ao mesmo tempo o espanhol está servindo como um elemento coesivo que os distingue dos que falam apenas uma das línguas de origem maia. Uma outra questão levantada é que uma pedagogia de liberação deve colocar tanta ênfase no entendimento da cultura do opressor quanto na cultura do oprimido se uma verdadeira educação dialógica estiver acontecendo. Quais são os seus comentários sobre estas questões?

Pergunta:

Stanley Aronowitz liga o seu trabalho ao projeto Humanista Marxista, familiar, de transformação do que Franz Fanon chama de "os infelizes do mundo". Todavia, Freire é visto como indo em direção a uma teoria psicanalítica para explicar quais circunstâncias materiais são as condições necessárias de dominação de classe. Existe uma tendência, para algumas pessoas, de ler Freire de uma posição Leninista de intelectuais de vanguarda liderando as massas a liberação. Mas, Aronowitz afirma que o uso, por Freire, de teoria psicanalítica e fenomenológica Marxista mostra o erro desta posição. E o medo interiorizado que o oprimido carrega, que reproduz grandemente a opressão que eles encaram. O trabalho de Freire ajuda os indivíduos quebrarem o ciclo de opressão psicológica através de encorajar estudantes a confrontarem a vida deles mesmos pelo diálogo com os seus próprios medos e não apenas através de suplantar e superar a opressão material. Você poderia comentar sobre o seu uso da teoria psicanalítica, como o trabalho de Eric Fromm e outros, no seu próprio trabalho?

Obs: Henry, Stanley Aronowitz, e Bell Hooks já completaram seus respectivos artigos, agora. Você poderia me dar uma reação geral em relação ao uso, que eles fazem, do seu trabalho?

Traduzido por:

Sergio Alexandre Garcia e Tatia Leanne Wieland-Garcia.